

THE INTERCEPT BRASIL

JOÃO FILHO

# JORNALISMO WANDO

OS PERSONAGENS  
BIZARROS QUE  
EXPLICAM A  
NOVA POLÍTICA

 **mórula**  
EDITORIAL



Comentar o avanço reacionário no país sem dedicar espaço aos seus personagens, de maior ou menor grandeza, é como servir um bolo de festa sem cobertura. Pode até ser bom, mas não faz jus à ocasião. É um erro. Quer um exemplo? No início da década passada, um personagem foi subestimado e ignorado por boa parte das esquerdas, tratado como louco por seus opositores. Sua filosofia extremista fincou raízes entre antipetistas, lavajatistas, bolsonaristas, intervencionistas... Até que, após a vitória de Jair Bolsonaro em 2018, o povo tomou conhecimento da influência de Olavo de Carvalho e do seu projeto de poder — espalhado em toda a estrutura pública através de pupilos ocupando cargos estratégicos. Muitos foram pegos de surpresa. Poucos entre os leitores de João Filho, que vem nos alertando desde o início.

Para mergulhar no mundo ‘reaça-extremista’ é preciso ter estômago. É uma tarefa árdua. E rerepresentá-lo ao público de forma palatável também demanda esforço. Algo que João tira de letra em seus textos nas redes sociais e nos artigos em veículos de comunicação, conseguindo costurar como poucos o contexto político do país: o trágico, o cômico, o rocambolesco e o absurdo por trás desses personagens. E sempre com relevância.

Na tragédia movida, em boa parte, pelas redes sociais e por projetos de poder cada vez mais personalistas (dos ‘superjuízes’, malvados favoritos e mitos),

THE INTERCEPT BRASIL  
JOÃO FILHO

# JORNALISMO WANDO

OS PERSONAGENS  
BIZARROS QUE  
EXPLICAM A  
NOVA POLÍTICA



mórula  
EDITORIAL

Copyright© João Filho e Intercept Brasil.  
Todos os direitos desta edição reservados  
à MV Serviços e Editora Ltda.

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Vitor Castro

EDIÇÃO

Silvia Lisboa

REVISÃO

Milene Couto

Natalia von Korsch

ILUSTRAÇÃO (CAPA)

João Montanaro

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Elaborado por Meri Gleice Rodrigues de Souza — CRB 7/6439

---

J58j

João Filho

Jornalismo Wando : os personagens bizarros que  
explicam a nova política / João Filho. — 1. ed. — Rio de Janeiro:  
Mórula, 2021.

184 p. ; 23 cm.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-86464-58-0

1. Brasil – Política e governo – Séc. XXI. I. Título.

21-73589

CDD: 320.0981

CDU: 32(81)

---



Rua Teotônio Regadas 26 sala 904

20021\_360 \_ Lapa \_ Rio de Janeiro \_ RJ

[www.morula.com.br](http://www.morula.com.br) \_ [contato@morula.com.br](mailto:contato@morula.com.br)

[f/morulaeditorial](https://www.facebook.com/morulaeditorial) @/morula\_editorial

# SUMÁRIO

- 5 | **INTRODUÇÃO** |
- 9 | A “mula” do presidente e o escândalo sem nome  
MARÇO DE 2017
- 17 | A trajetória de Ney Santos é um retrato do fracasso  
das nossas instituições | MARÇO DE 2018
- 25 | Polícia Federal: a lei é para todos. Só que não | MAIO DE 2018
- 31 | Joice Hasselmann foi o ponto de partida de algumas das maiores  
mentiras da eleição | OUTUBRO DE 2018
- 41 | Quem são os youtubers recomendados por Jair Bolsonaro  
NOVEMBRO DE 2018
- 51 | Filhos de Bolsonaro precisam refletir no cantinho do castigo  
DEZEMBRO DE 2018
- 59 | Calotes, mentiras e ameaças: conheça Luis Miranda, o youtuber  
eleito deputado federal | JANEIRO DE 2019
- 67 | Sergio Moro virou um soldado raso do bolsonarismo  
JANEIRO DE 2019

- 77 | General Mourão progressista é ilusão de ótica  
FEVEREIRO DE 2019
- 85 | Carla Zambelli e sua turma de monarquistas se aliaram  
a Bolsonaro para revogar avanços do século 20 | MAIO DE 2019
- 93 | Censura a militares e o caso Gabriel Monteiro  
SETEMBRO DE 2019
- 101 | Como Samy Dana promoveu um estudo desastrado usado  
para defender o fim do isolamento | MAIO DE 2020
- 109 | Por que é errado dar espaço na imprensa a Osmar Terra,  
o porta-voz do negacionismo científico na mídia nacional  
MAIO DE 2020
- 117 | Filipe Martins e a rede de mentiras agonizam: um tuiteiro  
nocauteou a grana de sites de fake news | MAIO DE 2020
- 125 | Sara Winter do 300 Pelo Brasil e seu plano de “ucranizar”  
o Brasil | MAIO DE 2020
- 133 | Rodrigo Constantino foi demitido pelos veículos de imprensa  
que normalizaram suas barbaridades | NOVEMBRO DE 2020
- 141 | Loester Trutis, o deputado da bancada da bala que forjou  
o próprio atentado | FEVEREIRO DE 2021
- 149 | CPI da Covid: irmãos Miranda colocam governo na berlinda  
JUNHO DE 2021
- 157 | Alexandre Garcia, o lambe-botas de militares | **INÉDITO**
- 165 | Oswaldo Eustáquio: o jornalista da rede de mentiras  
de Bolsonaro | **INÉDITO**
- 175 | **EPÍLOGO** | Lições de como enfrentar Bolsonaro e a extrema  
direita sem fortalecê-los | AGOSTO DE 2018

# INTRODUÇÃO

EM MEADOS DE 2011, eu estava no Twitter acompanhando uma conversa entre jornalistas. Eles debochavam de um perfil muito comum na imprensa brasileira: o isentão, sem opinião, que tenta manter uma falsa pose de imparcialidade a todo momento. Nessa conversa, um dos participantes cunhou o apelido desse perfil: “Esse tipo de jornalismo é o Jornalismo Wando”, uma alusão ao grande compositor brasileiro que marcou gerações com seus hits românticos. O “Jornalismo Wando” seria, portanto, a escola adotada por aqueles que exercem o ofício se anulando e se alinhando aos interesses dos patrões. É a luz, o raio, a estrela e o luar do patronato.

A conversa se alastrou e virou um dos assuntos mais comentados do Twitter. Eu decidi então criar o @JornalismoWando, um personagem de humor que satirizava esse tipo de jornalista. Em poucos dias, o perfil se tornou um sucesso e ganhou milhares de seguidores.

Nos anos seguintes, o personagem mudaria muito, assim como mudou o Brasil. As Jornadas de Junho, a derrubada de Dilma por pedaladas fiscais e o breve governo entreguista de Temer reviraram o país do avesso. O humor deu lugar ao combate, e as minhas críticas passaram a ficar mais frequentes que as piadas. Foram elas que chamaram a atenção de Glenn Greenwald, que em meados de 2016 me telefonou convidando para ser o colunista do seu novo projeto jornalístico, o The Intercept Brasil.

O Intercept, junto a outros veículos — como o Guardian e o Washington Post —, sacudira o mundo com a publicação dos arquivos secretos de Edward Snowden, o ex-técnico da CIA que tornou públicas as verdades sobre espionagens que o governo americano escondia. O jornalismo combativo praticado pelo Intercept sempre me fascinou, e não poderia haver honra maior para mim do que esse convite.

Após cinco anos escrevendo semanalmente para o site, eu pude confirmar que o Intercept, de fato, pratica um jornalismo destemido, sem amarras e verdadeiramente independente. Lá eu tenho liberdade ampla e irrestrita para expressar qualquer opinião, algo que nem todos os colunistas da grande imprensa podem desfrutar. Muitos barões do jornalismo têm o rabo preso com políticos, com grandes empresários, e obrigam seus funcionários a trabalharem a reboque dos interesses do departamento comercial do jornal. Isso não existe no Intercept.

Não foi fácil selecionar as colunas para este livro. Foram mais de 200 textos que cobriram um período sombrio na política brasileira. Muita coisa importante aconteceu no Brasil nesses últimos cinco anos. O antipetismo alucinado virou a principal corrente política do país, e fomos tragados por uma onda reacionária que acabaria por colocar um profascismo miliciano no comando. As crônicas que mais se destacaram foram as microbiografias das figuras mais bizarras da chamada nova política, aquelas que emergiram com a ascensão da extrema direita. Foram esses textos, focados em personagens, que escolhemos para contar esse capítulo da história do Brasil.

O livro começa com um texto sobre Eduardo Cunha, uma das raposas da velha política, que preparou o terreno para a chegada da nova política. Depois começam os textos que abordam algumas das figuras mais obscuras já produzidas pelo reacionarismo brasileiro: Ney Santos, o prefeito ligado ao PCC; Joice Hasselmann, a jornalista acusada de plágio por 23 colegas que se tornou a deputada federal mais votada da história do país; Luis Miranda, o acusado por estelionatos em série que virou deputado federal; Sergio Moro, o juiz fora da lei que pavimentou o caminho da extrema direita ao poder; Carla Zambelli, a ex-integrante do Femen que virou monarquista ferrenha; Samy Dana, o office boy do mercado financeiro



escalado para bancar o epidemiologista durante a pandemia do coronavírus; Loester Trutis, o deputado federal lobista pró-armas acusado pelo Ministério Público e pela Polícia Federal de ter forjado um atentado contra si para justificar a flexibilização das leis de acesso a armamentos; Oswaldo Eustáquio, o jornalista mitômano escalado para atacar os opositores do bolsonarismo; e muitos outros.

Agradeço todos os meus colegas do Intercept pela parceria nestes anos. Eles são as cabeças por trás da Vaza Jato, que julgo ser o furo jornalístico mais importante da história do país. Levarei para a vida o orgulho de ter sido o colunista do site neste período.

Espero que gostem dos textos que escolhemos para vocês. Boa leitura!



**A**  
**“MULA”**  
**DO PRESIDENTE**  
**E O ESCÂNDALO**  
**SEM NOME**

MARÇO DE 2017

# C OM DINHEIRO DA ODEBRECHT, PADILHA E TEMER AJUDARAM CUNHA A CONSTRUIR UMA BASE ALIADA SÓLIDA QUE PARALISA O PAÍS E OS COLOCA NO CENTRO DO PODER

EM 2005, o petebista Roberto Jefferson deu uma entrevista bombástica para Renata Lo Prete revelando um esquema de compra de apoio de deputados pelo governo Lula. Jefferson disse a palavra “mensalão” 17 vezes. O escândalo já vinha batizado e atormentaria o alto escalão do PT por muitos anos. À época, o assunto foi tão explorado e martelado na cabeça dos brasileiros que muito se duvidou da reeleição de Lula. O ex-senador do PFL (antiga Arena e atual Democratas) e filhote da ditadura militar Jorge Bornhausen chegou a decretar a morte do PT com uma frase reveladora da sua alma: “Estou é encantado (com a crise do mensalão), porque estaremos livres dessa raça pelos próximos 30 anos”.

José Yunes, ex-assessor e amigo de mais de cinco décadas de Michel Temer, deu uma declaração igualmente bombástica na semana passada, revelando a existência de uma estratégia para eleger parlamentares fiéis a

Eduardo Cunha. Yunes ficou sabendo disso em setembro de 2014, às vésperas das eleições daquele ano, pela boca do doleiro e lobista Lúcio Funaro, operador das propinas de Cunha que foi preso na época do mensalão. Esse honorável cidadão relatou dessa maneira o esquema para Yunes: “A gente está fazendo uma bancada de 140 deputados para o Eduardo (Cunha) ser presidente da Câmara”.

O melhor amigo de Temer ouviu essa frase quando o doleiro, a mando de Eliseu Padilha, passou em seu escritório para deixar um “pacote” misterioso que alguém buscaria mais tarde. Segundo delação de ex-executivo da Odebrecht, o tal “pacote”, na verdade, era R\$ 4 milhões em dinheiro vivo, parte de uma propina de R\$ 10 milhões repassada para o PMDB, atual MDB. Yunes se viu sendo “mula” de Padilha e resolveu contar tudo para o presidente não eleito, que, à época, era candidato a vice de Dilma: “Contei tudo ao presidente em 2014. O meu amigo (Temer) sabe que é verdade isso. Ele não foi falar com o Padilha. O meu amigo reagiu com aquela serenidade de sempre (risos)”.

É óbvio que Temer não foi reclamar com seu braço direito. As chances de um esquema comandado por Padilha e Cunha ser ignorado por Temer são menores que a de um tucano ser preso. Portanto, é mais do que provável que, antes mesmo da eleição, Padilha e Temer já tramassem para colocar Cunha na presidência da Câmara. É importante lembrar que Cunha não foi o candidato do governo para a Câmara, era o petista Arlindo Chinaglia, o que significa que a cúpula emedebista já trabalhava contra os interesses do governo do qual fazia parte. Naquela época, o impeachment já estava no horizonte e seria muita ingenuidade acreditar que esses fatos não estavam relacionados. Cunha foi eleito por uma maioria avassaladora na Câmara. Uma maioria que o acompanharia até a derrubada de Dilma, em agosto de 2016.

Após a eleição de Cunha, O Globo registrou que ele “é considerado inimigo da presidente Dilma Rousseff, com quem sempre teve uma relação difícil”. Ou seja, com base no depoimento de Yunes, é possível concluir que o vice-presidente há muito tempo já trabalhava nos bastidores — e depois abertamente — para eleger um inimigo do governo. Cunha articulou

intensamente contra o governo para aprovar a MP dos Portos (com uma emenda cuja única beneficiária foi uma das principais empresas financiadoras de Temer), trabalhou pela derrubada do decreto da presidenta que criava conselhos populares em órgãos públicos e fez de tudo para travar a votação do Marco Civil da internet. Agora sabemos que o inimigo mortal da presidenta vinha sendo armado pelo vice-presidente desde antes das eleições presidenciais. Qual o nome disso senão traição, conspiração e/ou golpismo?

Em abril de 2015, poucos meses após Cunha virar presidente da Câmara, Dilma, preocupada com o desgaste da relação com o MDB, colocou Temer na articulação do governo. A raposa foi alçada à condição de pacificadora do galinheiro depois de ter passado meses tramando o cerco com a raposada. Enquanto isso, Cunha comandou durante o resto do ano um boicote sistemático ao governo, trabalhando contra todas as medidas de saída da crise econômica por meio de pautas-bombas, travamento de votações e muita chantagem. Com a maioria dos parlamentares na mão e o apoio do vice-presidente, Cunha ficou à vontade para encaminhar o principal projeto do seu mandato: o impeachment.

“Michel é Eduardo Cunha”, já dizia Jucá no *spoiler* dos *spoilers*. Mas a relação não é mais a mesma. Depois de cassado e preso, Cunha vem frequentemente fazendo ameaças veladas a Temer. Insinuou haver digitais de Temer nas irregularidades no Porto Maravilha e o arrolou como testemunha na Lava Jato, quando fez perguntas comprometedoras. Curiosamente, Temer agora coloca o emedebista Osmar Serraglio no Ministério da Justiça, um homem tão próximo de Cunha que chegou a reivindicar a anistia dos crimes cometidos pelo amigo. As ameaças teriam surtido efeito? Não é possível afirmar categoricamente que sim, mas a chantagem estaria perfeitamente dentro do contexto golpista da atual política brasileira.

Cunha também fez duas perguntas para Temer sobre seu amigo José Yunes: “Qual a relação de Vossa Excelência com José Yunes?” e “O sr. Yunes recebeu alguma contribuição de campanha para alguma eleição de Vossa Excelência ou do PMDB?”.

Perguntas essenciais para compreender o papel de Temer na Lava Jato, mas o juiz-herói Sergio Moro evitou a fadiga de Temer, cancelando essas e

mais 11 perguntas embaraçosas. Os questionamentos foram considerados “inapropriados” pelo magistrado. Segundo ele, “não há qualquer notícia do envolvimento do Exmo. Sr. Presidente da República nos crimes que constituem objeto desta ação penal”. Parece piada, mas esse é o homem conhecido por ser implacável contra a corrupção. Estamos muito bem de heróis, né, Brasil?

Yunes simplesmente revelou que os milhões da Odebrecht serviram para construir uma poderosa bancada de deputados para colocar um criminoso na presidência da Câmara. Com o envolvimento comprovado de Padilha, o braço direito de Temer, e com a “mula” amiga de Temer caguetando tudo, já não é mais possível ignorar as digitais do não eleito em mais esse escândalo. No país em que casos de corrupção são sempre batizados, como Mensalão e Petrolão, por que esse até agora não foi?

É instigante. Só acho que não podemos esperar que o batismo seja feito pela Globo, já que, segundo o Tabapuã Papers e o Panamá Papers, Temer é sócio de Yunes, assim como o filho de Yunes é sócio de José Roberto Marinho.

A minha sugestão é que chamemos de golpe.

## REFERÊNCIAS

- AFFONSO, Julia; COUTINHO, Mateus; BRANDT, Ricardo; MACEDO, Fausto. Cunha tentou emparedar Temer com perguntas sobre amigo José Yunes. **Estadão**, 11 dez. 2016. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/cunha-tentou-emparedar-temer-com-perguntas-sobre-amigo-jose-yunes/>. Acesso em: 30 jun. 2021.
- BERGAMO, Mônica. Moro indefere perguntas incomodas feitas por Eduardo Cunha a Temer. **Folha de S. Paulo**, 28 nov. 2016. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2016/11/1836301-moro-indefere-perguntas-incomodas-feitas-por-eduardo-cunha-a-temer.shtml>. Acesso em: 30 jun. 2021.
- BORGES, Laryssa. MP dos Portos: Governo faz apelo, pressiona, mas esbarra em Eduardo Cunha. **Veja**, 13 maio 2013. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/mp-dos-portos-governo-faz-apelo-pressiona-mas-esbarra-em-eduardo-cunha/>. Acesso em: 30 jun. 2021.
- BRAGA, Isabel; LIMA, Maria; GAMA, Júnia. Eduardo Cunha derrota o governo e é eleito presidente da Câmara. **O Globo**, 1 fev. 2015. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/eduardo-cunha-derrota-governo-e-eleito-presidente-da-camara-15214504#ixzz4aCZAP6EV>. Acesso em: 30 jun. 2021.
- BRAMATTI, Daniel; DE TOLEDO, José Roberto; BURGARELLI, Rodrigo. Grupo doador de campanha de Temer recebe benefício de aliado em porto. **Estadão**, 3 jan. 2016. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,grupo-doador-de-campanha-de-temer-recebe-beneficio-de-aliado-em-porto,10000006082>. Acesso em: 30 jun. 2021.
- CARDOSO, Daiene. Novo ministro da Justiça defendeu ‘anistia’ para Cunha. **Estadão**, 24 fev. 2017. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,novo-ministro-da-justica-defendeu-anistia-para-cunha,70001677797>. Acesso em: 30 jun. 2021.

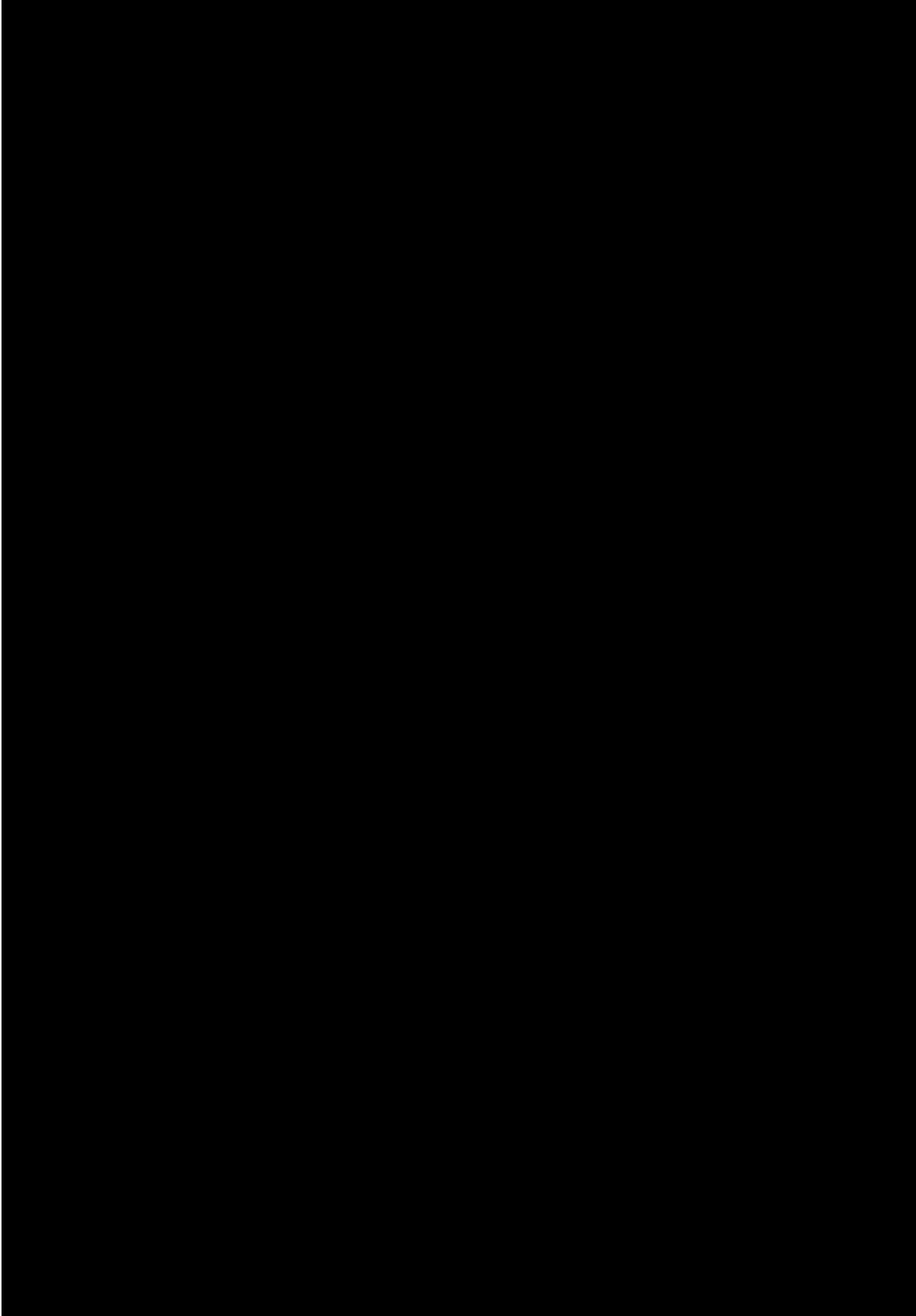


- DEPUTADOS derrubam decreto que organiza os conselhos populares. **G1**, 29 out. 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2014/10/deputados-derrubam-decreto-que-organiza-os-conselhos-populares.html>. Acesso em: 30 jun. 2021.
- DILMA no Senado: Impeachment é fruto de ‘chantagem explícita’ de Cunha. **BBC News Brasil**, 29 ago. 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/37214245>. Acesso em: 30 jun. 2021.
- DO ROSÁRIO, Miguel. A misteriosa sociedade de José Roberto Marinho com Marcos Yunes, filho do amigo e ex-assessor de Michel Temer. **O Cafezinho**, 25 fev. 2017. Disponível em: <https://www.ocafezinho.com/2017/02/25/misteriosa-sociedade-de-jose-roberto-marinho-com-yunes-filho-amigo-e-ex-assessor-de-michel-temer/>. Acesso em: 30 jun. 2021.
- DUARTE, Fernanda. Entenda o que são as chamadas “pautas-bombas” do Congresso Nacional. **EBC**, 6 ago. 2015. Disponível em: <https://memoria.ebc.com.br/noticias/politica/2015/08/entenda-o-que-sao-chamadas-pautas-bombas-que-podem-ser-votadas-pelo>. Acesso em: 30 jun. 2021.
- LO PRETE, Renata. Em entrevista à Folha em 2005, Jefferson revelou o mensalão; leia. **Folha de S. Paulo**, 25 fev. 2014. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/02/1417161-em-entrevista-a-folha-em-2005-jefferson-revelou-o-mensalao-leia.shtml>. Acesso em: 30 jun. 2021.
- LÚCIO Funaro diz que aguenta ficar preso por dois anos antes de negociar delação. **Época**, 18 set. 2016. Disponível em: <https://epoca.oglobo.globo.com/tempo/expresso/noticia/2016/09/lucio-funaro-diz-que-aguenta-ficar-presos-por-dois-anos-antes-de-negociar-delaçao.html>. Acesso em: 30 jun. 2021.
- MACEDO, Fausto; AFFONSO, Julia; COUTINHO, Mateus; BRANDT, Ricardo. Lucio Funaro era operador de propinas de Eduardo Cunha, diz força-tarefa. **Estadão**, 20 out. 2016. Disponível em: <http://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/lucio-funaro-era-operador-de-propinas-de-eduardo-cunha-diz-forca-tarefa/>. Acesso em 30 jun. 2021.

MARQUES, George. Com PMDB envolvido na Lava Jato, Temer escolhe ex-aliado de Cunha para Ministério da Justiça. **The Intercept Brasil**, 24 fev. 2017. Disponível em: <https://theintercept.com/2017/02/24/com-pmdb-envolvido-na-lava-jato-temer-escolhe-ex-aliado-de-cunha-para-ministerio-da-justica/>. Acesso em: 30 jun. 2021.

PASSARINHO, Nathalia; CALGARO, Fernanda. Executiva Nacional do PMDB anuncia apoio oficial a Eduardo Cunha. **G1**, 14 jan. 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/01/executiva-nacional-do-pmdb-anuncia-apoio-oficial-eduardo-cunha.html>. Acesso em: 30 jun. 2021.

ROSA, Vera. Cunha liga homem forte de Temer a irregulares na Caixa. **Estadão**, 17 set. 2016. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,cunha-liga-homem-forte-de-temer-a-irregularidades-na-caixa,10000076592>. Acesso em: 1 jun. 2021.





1ª edição  
impressão  
papel miolo  
papel capa  
tipografia

outubro 2021  
rotaplan  
pólen soft 80g/m<sup>2</sup>  
triplex 300g/m<sup>2</sup>  
kievit e fixture

conhecer ao máximo essa *dramatis personae* deixa de ser uma mera curiosidade, e passa a ser um recurso tático. Sun Tzu não disse que vencer uma batalha se conhecendo, mas sem conhecer o inimigo, também traz uma derrota?

Você tem em mãos o filé mignon de anos de trabalho do Jornalismo Wando. Um serviço que, combinado ao alcance e ao jornalismo audacioso do Intercept Brasil, segue adiante como um registro histórico por meio dos piores personagens da nossa política. Que este livro te motive a conhecer ainda mais teus opositores políticos e possa te inspirar de alguma forma, como os textos do João me inspiraram um dia.

**@JAIRMEARREPENDI**

**JOÃO FILHO** é um palmeirense nascido e criado no bairro de Santana, em São Paulo. É graduado em Ciências Sociais pela PUC-SP e cursou pós-graduação em Jornalismo pela Cásper Líbero. Ficou conhecido após criar o @JornalismoWando, um perfil nas redes sociais que faz comentários sobre a política nacional e hoje conta com quase 170 mil seguidores. Teve artigos publicados nas revistas Carta Capital e Fórum, entre outros veículos de imprensa. João Filho foi, ainda, colunista de política do Yahoo, entre 2013 e 2015, e desde 2016 tem uma coluna semanal no The Intercept Brasil.



Leio sempre o Jornalismo Wando, é um dos pontos seguros que encontro para navegar no oceano das informações.”

**LAERTE**



Parece até que estes personagens bizarros vagavam por aí à procura de um autor, como a meia dúzia de invasores na peça de teatro do gênio Pirandello. Só o Jornalismo Wando dá conta, com maestria, dessa turma que tem um pé no fascismo e a cara de pau no óleo de peroba.”

**XICO SÁ**



**mórula**  
EDITORIAL

ISBN 978658646458-0



9 786586 464580